Aspectos socioeconômicos e etnoecológicos da Pesca Esportiva praticada na Vila Barra do Una, Peruíbe/SP.

Larissa Florêncio da Silva[1], Tiago Ribeiro de Souza[2], Renata Molitzas[3], Walter Barrella[3,4], Milena Ramires[3,4]

[1] Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Santa Cecília (UNISANTA)
[2] Graduação em Ciências Biológicas da UNIMES
[3] Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade de Ecossistemas Costeiros e Marinhos da Universidade Santa Cecília (ECOMAR-UNISANTA).
[4] Fisheries and Food Institute (FIFO).

Resumo

A pesca esportiva é uma atividade com grande importância socioeconômica e hoje, uma das atividades de esporte e lazer mais praticadas no Brasil. No entanto, é pouco conhecida e estudada, ou seja, são escassas as informações capazes de orientar políticas públicas para o setor pesqueiro. Este trabalho teve como objetivo caracterizar a pesca esportiva praticada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável da Barra do Una, Peruíbe/ SP, em relação ao perfil e a situação socioeconômica dos praticantes, o conhecimento sobre métodos, apetrechos de pesca, espécies exploradas, bem como, avaliar o conhecimento dos praticantes sobre a legislação vigente para a pesca esportiva. Foram entrevistados 88 pescadores esportivos sendo que 88,6% são do sexo masculino e com idade média de 41,7 anos. O tempo de cada pescaria varia de 1 a 12 horas e os principais serviços contratados são alimentação, hospedagem, fornecimento de iscas e guias de pesca. O principal método de pesca é o caniço com molinete ou carretilha e a principal isca, o camarão, adquirido na própria comunidade. A principal espécie procurada pelos pescadores esportivos é o robalo (*Centropomus spp)* e os pescadores entrevistados demonstraram conhecimento associado a esta espécie, como por exemplo, a época e local de maior captura, as melhores fases da lua e as técnicas utilizadas para captura destas espécies. Sobre a legislação pesqueira, 76,1% dos entrevistados não conhecem a cota de captura estabelecida para os peixes costeiros, 64,8% desconhecem os tamanhos mínimos permitidos para a captura das principais espécies alvo da pesca esportiva, 55,7% desconhecem as espécies proibidas para captura e 73,9% dos entrevistados também não tem conhecimento sobre os períodos de defeso estabelecidos. Assim, os resultados desta pesquisa permitem concluir que a pesca esportiva é uma das características do turismo da região, o que definitivamente representa uma atividade importante para a comunidade caiçara da Vila Barra do Una. Estudos que caracterizam o pescador e a atividade da pesca são ferramentas fundamentais para elaboração de planos de manejo dos recursos pesqueiros, principalmente em locais onde são escassas as informações sobre a pesca esportiva, como é o caso do litoral sul de São Paulo. São necessárias políticas públicas para melhoria da infraestrutura e conservação dos ecossistemas, assim como ações educacionais que orientem e estimulem moradores e turistas a conservarem o local e os recursos explorados.

Palavras chave: RDS Barra do Una, uso de recursos pesqueiros, etnoecologia.

Introdução

A exploração pesqueira é uma importante questão para a conservação em escala global, uma vez que afeta muitos dos ecossistemas do planeta. A pesca comercial (artesanal e industrial) tem sido repetidamente acusada como responsável pelo declínio das populações de peixes, impactanto estoques de espécies vulneráveis (Cooke e Cowx, 2004; Pacheco *et al.*, 2006; Pinnegar e Engelhard, 2007). No entanto, nos últimos anos passou-se a notar que a pesca esportiva também pode causar declínio nos estoques pesqueiros e, esta não tem recebido a devida atenção (Cooke e Cowx, 2004; 2006).

O Brasil apresenta grande potencial para o desenvolvimento da pesca esportiva, pois possui atributos como: grande rede hidrográfica, extensa região costeira, grande diversidade de espécies de peixes, muitas áreas naturais ou alteradas pelo homem (represas e lagos) propícias a sua prática (Tarcitani & Barrella, 2009). Foi depois dos anos 1990, que esta atividade tornou-se mais importante (Freire, 2005) sendo, hoje uma das atividades de esporte e lazer mais praticadas no Brasil. É também conhecida como pesca desportiva, amadora ou recreativa (Ministério do Turismo, 2008). O Decreto-Lei n.º 221, de 28 de fevereiro de 1967, que conceituou e regulamentou a atividade de pesca, define "Pesca esportiva" aquela praticada com linha de mão, por meio de aparelhos de mergulho ou quaisquer outros permitidos pela autoridade competente e que em nenhuma hipótese venha a importar em atividade comercial.

Apesar da ampla disseminação da atividade, a pesca esportiva é ainda pouco conhecida e estudada, ou seja, praticamente não existem dados, que ordenem a atividade e orientem políticas públicas neste setor (Brasília, 2010; Pereira *et al*., 2008). Atualmente não há disponibilidade de informações biológico-pesqueiras aplicadas à pesca esportiva como: lista de espécies-alvo de pescarias; avaliação dos estoques pesqueiros explorados; capturas totais; esforço aplicado pela pesca amadora; descrição das técnicas utilizadas, o que compromete o planejamento e ordenamento da atividade, mapeamento das áreas com maior concentração desta prática e de áreas potenciais, entre outros. Também inexistem estimativas de capturas das atividades recreativas (Freire, 2005; 2010; Cowx *et al*., 2010). A escassez de informações sobre a pesca esportiva também é uma realidade brasileira. Apesar da pesca esportiva ser praticada no Brasil há um longo tempo, sua importância tornou-se evidente somente a partir da década de 1990. Os principais locais brasileiros para prática da pesca

esportiva em ambientes de água doce são encontrados nas regiões da Amazônia e Pantanal e no sudeste do Brasil para a pesca esportiva em ambientes marinhos. No entanto, muito pouco se sabe sobre esse segmento de pesca esportiva, principalmente na costa brasileira. Poucos são os dados e trabalhos disponíveis sobre os aspectos biológicos, sociais e econômicos desta atividade (Freire, 2005).

O presente trabalho teve como objetivo caracterizar a pesca esportiva praticada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável da Barra do Una, Peruíbe/ SP, em relação ao perfil e a situação socioeconômica dos praticantes, o conhecimento sobre métodos, apetrechos de pesca, espécies exploradas, bem como, avaliar o conhecimento dos praticantes sobre a legislação vigente para a pesca esportiva.

Metodologia

Área de estudo

A presente pesquisa foi desenvolvida na comunidade caiçara da Reserva de Desenvolvimento Sustentável da Barra do Una, localizada no município de Peruíbe/SP e pertencente ao Mosaico de Unidades de Conservação Juréia–Itatins (Figura 01), uma área com mais de 110 mil hectares, composto por quatro unidades de conservação de proteção integral - Estação Ecológica Juréia-Itatins (EEJI), Parque Estadual Itinguçu (PEIT), Parque Estadual do Prelado (PEP) e Refúgio de Vida Silvestre (RVS), nas ilhas do Abrigo e Guararitama, e duas unidades de conservação de uso sustentável - Reservas de Desenvolvimento Sustentável da Barra do Una (RDSBU) e do Despraiado (RDSD). Localiza-se no Estado de São Paulo, entre a Região Metropolitana da Baixada Santista e o Litoral Sul/ Vale do Ribeira, nos municípios de Iguape, Itariri, Miracatu e Peruíbe, tendo como confrontante Pedro de Toledo (SMA, 2009).

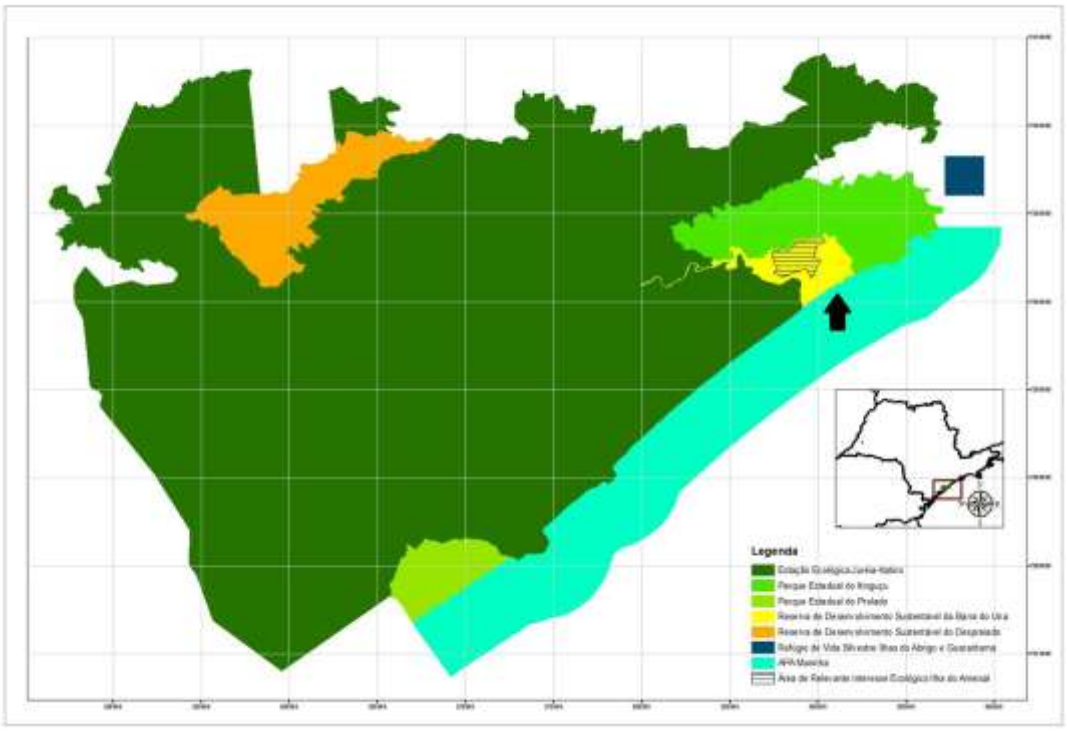

Figura 1: Localização da área de estudo (Fonte: SMA, 2009).

Materiais e métodos

A coleta dos dados foi realizada através de entrevistas com os pescadores esportivos que se encontravam na Vila Barra do Una, localizada na cidade de Peruíbe (SP).

Os pescadores foram entrevistados entre os meses de outubro de 2013 e maio de 2014, em dias e horários alternados. As entrevistas foram baseadas num roteiro de questões semi-estruturado. Inicialmente, obtiveram-se os dados gerais dos pescadores, características da pesca praticada (técnicas e aparelhos utilizados), serviços utilizados, conhecimento dos pescadores sobre os recursos explorados, opinião sobre o ambiente explorado, dentre outros.

Os resultados foram organizados e expressos em tabelas e gráficos e analisados através das porcentagens de citação nas entrevistas. O presente trabalho faz parte do projeto "A pesca esportiva na Baixada Santista, SP" coordenado pelos professores Dr. Walter Barrella e Dra. Milena Ramires e aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Santa Cecília (UNISANTA), em 30 de outubro de 2012 (CAAE: 07528712.8.0000.5513).

Resultados

Foram entrevistados 88 pescadores esportivos na Vila Barra do Una (Peruíbe/SP), sendo que 78 (88,6%) são do sexo masculino e apenas 10 (11,4%) do sexo feminino. A idade média foi de 41,7 anos, sendo a mínima 18 anos e a máxima 60 anos (Tabela 1).

As profissões dos entrevistados foram bem variadas totalizando 26, sendo o maior número de entrevistas realizadas com empresários (15,9%) e vendedores (10,2%).

Tabela 1: Perfil socioeconômico dos pescadores esportivos entrevistados na RDS Barra do Una/SP, (acima de 5% de citações).

	Características	N	%
Sexo	Masculino	78	88,6
	Feminino	10	11,4
Idade	Média	41,7	
	Mínima	18	
	Máxima	60	
Escolaridade	Ensino Médio	43	48,9
	Ensino Superior	42	47,7
Profissão	Empresário	14	15,9
	Vendedor	9	10,2
	Estudante	7	7,9
	Engenheiro	6	6,8
	Professor	5	5,7
Localidade de origem	São Paulo	29	32,9
	Peruíbe	8	9,1
	São Bernardo	8	9,1
	São Caetano	5	5,7

Quanto à origem dos pescadores esportivos que procuram a área foram representadas 26 cidades do Estado de São Paulo, sendo a capital São Paulo a mais representativa com 32,9% dos entrevistados e Peruíbe com 9,1%.

As entrevistas foram realizadas nos pontos mais frequentados pelos pescadores esportivos: a Barra do Rio Una, o Porto Tocaia, a Praia da Vila Barra do Una, o Costão da Barra do Una e a Praia do Caramborê (Figura 1).

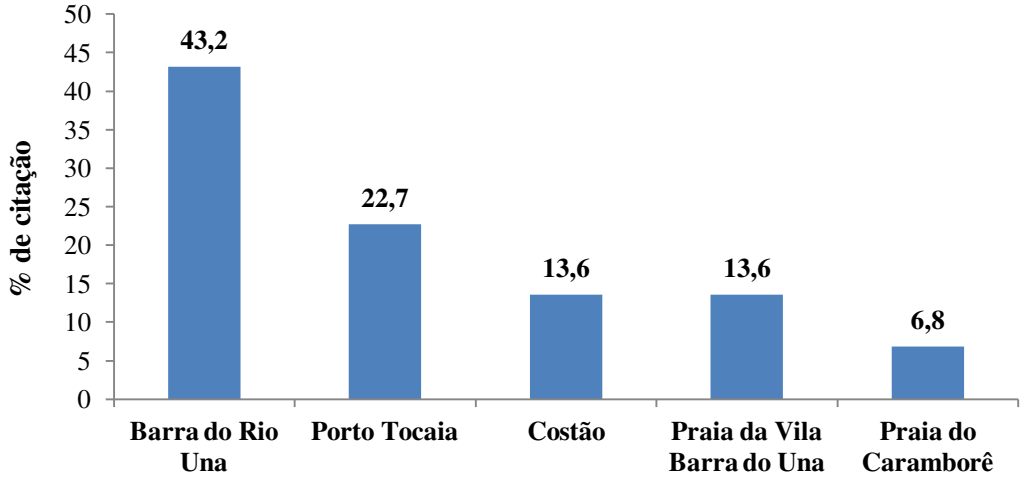

Figura 1: Entrevistas realizadas nos principais pontos de pesca esportiva da RDS da Barra do Una.

O uso licença para prática da pesca esportiva é obrigatório em qualquer ambiente aquático sejam este de água doce ou de água salgada. Esta licença chamada de LPA – Licença Da Pesca Amadora autoriza a pratica em todo território nacional e tem a validade de 1 ano. Antes, a licença era fornecida pelo IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, porém segundo a lei 11.959 promulgada em 29 de junho de 2009, a emissão das licenças agora é de responsabilidade do MPA – Ministério da Pesca e Aqüicultura, que já disponibiliza em sua página o recurso para fazer as inscrições online. No entanto, a maioria (84,1%) dos pescadores entrevistados não a possui.

O tempo de cada pescaria variou de 1 a 12 horas e em média os pescadores esportivos desenvolvem a pesca por 2 horas. A frequência de pesca dos pescadores esportivos em sua maioria é anual (45,5%), fato relacionado por eles com as características do local e acesso. A Vila Barra do Una é mais visitada por turistas em períodos de férias e feriados prolongados. A época do ano mais citada foi o verão que justamente coincide com o referido período (56,9%).

A maior parte dos pescadores prefere o período da manhã (51,1%), enquanto que 25% preferem o período da tarde. A fase da lua crescente foi citada como boa por 47,7% dos entrevistados e as luas cheia e nova por 19,3% e 9,1%, respectivamente (Tabela 2).

Tabela 2: Caracterização da pesca esportiva praticada pelos entrevistados na Vila Barra do Una (Peruíbe/SP). Acima de 5%

Características		**N**	**%**
Documento de Pesca	Nenhum	74	84,1
	Licença pesca esportiva	14	15,9
Experiência de pesca (anos)	Média	1,5	
	Mínima	0	
	Maxima	15	
Tempo médio de cada Pescaria (horas	Médio	2,1	
	Mínimo	1	
	Máximo	12	
Número de participantes da pescaria	Médio	2,6	
	Mínimo	1	
	Máxima	5	
Turno de pesca	Manhã	45	51,1
	Tarde	22	25
	Dia todo	20	22,7
Melhor época	Verão	50	56,9
	Ano todo	21	23,9
	Inverno	20	22,7
	Outono	13	14,8
Frequencia de pesca	Anual	40	45,5
	Semestral	23	26,1
Fase da Lua	Lua crescente	42	47,7
	Lua cheia	17	19,3
	Lua nova	8	9,1
Serviços contratados na comunidade	Refeição	63	71,6
	Suprimentos/ mantimentos	63	71,6
	Hospedagem	56	63,3
	Iscas Vivas (corrupto e camarão)	33	37,5
	Piloto/guia/ aluguel de Barco	15	17
Principais Iscas utilizadas	Camarão morto	46	52,3
	Isca artificial	17	19,3
	Camarão vivo	15	17
	Corrupto	10	11,4
Fornecedores de iscas	Vila Barra do Una	36	40,9
	Peruíbe	10	11,4
Equipamentos utilizados	Anzol simples	68	77,3
	Caniço com molinete ou carretilha	54	61,4
	Caniço simples	13	14,8

A espécie mais procurada pelos pescadores esportivos é o robalo (*Centropomus spp*.) citada por 78,4% dos entrevistados, seguida por Tainha (*Mugil spp*.) e pescada (*Cynoscion spp*.) também citadas como muito procuradas por 19,3% e 15,9% respectivamente. Os pescadores entrevistados também demonstraram conhecimento associado a estas espécies mais procuradas, como por exemplo, a época e local de maior captura e as melhores fases da lua (Tabela 3).

Tabela 3: Etnoecologia das espécies mais procuradas pelos pescadores esportivos entrevistados na Vila Barra do Una (SP).

Espécies mais procuradas (n de citação)	Local de captura			Época			Fase da Lua		
		N	%		N	%		N	%
Robalo	Rio	56	81,1	Não sabe	29	42	Não sabe	36	52,2
69	Mar	15	21,7	Verão	13	18,8	Crescente	8	11,6
	Costão	4	5,8	Ano todo	12	17,4	Cheia	3	4,3
	Não sabe	2	2,9				Nova	2	2,9
Tainha				Não Sabe	9	52,9	Não sabe	12	7,6
17	Mar	14	82,3	Verão	7	41,2	Nova	3	17,6
							Crescente	2	11,8
Pescada	Mar	6	42,5	Não Sabe	4	28,6	Não sabe	7	50
14	Rio Uma	5	35,7	Ano todo	4	28,6	Crescente	1	7,1
	Costão	3	21,4	Verão	2	14,3			

As 88 entrevistas foram realizadas nos momentos em que os pescadores praticavam a atividade pesqueira e, 59 (67%) deles capturaram exemplares de peixes no dia da entrevista (Tabela 4).

Nome local	Identificação	N de capturas	% do total de capturas
Robalo	*Centropomus* sp.	13	22
Bagre	Ariidae	13	22
Peixe rei	*Odontesthes* sp.	11	18,6
Caratinga	*Eugerres brasilianus*	2	3,4
Pescada	*Cynoscion* sp.	1	1,7

Dos 59 exemplares capturados, 28 (47,5%) foram consumidos pelos pescadores, 13 (22,1%) foram devolvidos ao ambiente e 18 (30,5%) não relataram o destino dos peixes capturados.

Outro aspecto importante levantado nas entrevistas foi o conhecimento dos pescadores sobre a legislação pesqueira especifica para a pesca esportiva, onde 76,1% dos entrevistados não conheciam a cota de captura estabelecida para os peixes costeiros e 64,8% desconheciam os tamanhos mínimos permitidos para a captura das principais espécies alvo da pesca esportiva. Entre os 35,2% dos entrevistados que conheciam o tamanho mínimo foram indicadas as informações de 35 cm para robalo peva e 45 cm para robalo flexa.

Quanto às espécies proibidas para captura, 55,7% também desconheciam tais informações e entre os que mencionaram alguma informação o mero (*Epinephelus itajara*) foi

citado por 21,6% como espécie proibida e 73,9% dos entrevistados também não tinham conhecimento sobre os períodos de defeso estabelecidos para algumas espécies. Ou seja, a grande maioria dos entrevistados não tem conhecimento sobre aspectos relacionados à legislação pesqueira.

Os entrevistados foram questionadores sobre o motivo pelo qual escolheram a Vila Barra do Una como local para pesca pesca esportiva. Os principais motivos citados foram: tranquilidade (21,6%), indicação de outras pessoas que já conheciam o local (18,2%), consideram o local bom para pesca (13,6%) , presença de camping na região (11,4%) e beleza cênica do local.

A qualidade do pesqueiro foi outra questão levantada, onde 76,1% dos entrevistados a consideram "boa" a qualidade local e 23,9% a consideram "regular". Em relação aos anos anteriores 71,6% dos entrevistados apontaram que em relação aos anos anteriores a qualidade não sofreu alteração, 19,3% apontaram que piorou em relação aos anos anteriores, 6,8% identificaram uma melhora em relação aos anos anteriores.

Discussão

Comunidades caiçaras têm cada vez mais tem deixado a pesca artesanal e outras atividades tradicionais para sobreviverem de atividades relacionadas ao turismo, como foi observada na Barra do Una. A pesca esportiva é uma destas atividades, pois para a sua prática os pescadores utilizam de serviços oferecidos pelos moradores da comunidade movimentando a economia local.

A pesca esportiva na Barra do Una é predominantemente praticada por homens, sendo a maioria com ensino médio. Situação semelhante foi descrita por Harayashiki *et al.* (2011) na Ponte dos Franceses (RS). Os pescadores entrevistados exercem profissões não relacionadas à pesca e a maioria frequenta o local anualmente. Diferente do observado por Tsuruda *et al.* (2013) onde a maioria dos entrevistados frequenta a Praia das Astúrias no Guarujá (SP) semanalmente. Este fato pode estar relacionado com o acesso ao local e as características do turista que visita a comunidade que busca os períodos de férias ou feriados prolongado para visitar a Barra do Una. Tarcitani e Barrella (2009) também identificaram diversas profissões e frequência semanal das pescarias pela maioria dos pescadores no trecho superior da Bacia do Rio Sorocaba (SP), onde o acesso é de certa forma mais facilitado, pois localiza-se mais próximo dos centros urbanos.

A maioria dos pescadores compra as iscas no comércio local. Beccato (2009) em seu estudo sobre a pesca de iscas vivas na região estuarino-lagunar de Cananéia (SP) descreveu o crescimento do comércio de iscas naturais na região e alertam para necessidade de regulamentação e fiscalização da atividade, principalmente com relação à captura dos juvenis de camarão branco (*Litopenaeus schmitti*), espécie mais utilizada na pesca esportiva.

A espécie mais procurada pelos pescadores entrevistados é o robalo (*Centropomus* spp.), semelhante ao resultado obtido por Ramires e Molina (2004) no Vale do Ribeira (SP) e Tsuruda et al. (2013) no Guarujá. No litoral sul do Estado de São Paulo, o robalo é espécie mais procurada pelos pescadores esportivos e profissionais (Souza e Barrella, 2004), assim, fica evidente que a pesca esportiva, principalmente a do robalo, é uma atividade que requer organização e planejamento, para prevenir possíveis impactos sobre o estoque pesqueiro e o ambiente. Embora os robalos sejam muito procurados por pescadores esportivos, poucas informações científicas sobre a exploração deste recurso são disponíveis e aplicáveis ao ordenamento desta atividade.

Junto a isto, a maioria dos pescadores entrevistados desconhece esta legislação e as demais exigências legais para a prática da pesca esportiva, o que influencia negativamente na preservação das espécies-alvos. No caso dos robalos, as duas principais espécies capturadas na região tem estabelecido seu tamanho mínimo de captura e infelizmente, a maioria dos pescadores não as conhecem. No estudo sobre a pesca amadora recreativa de caniço na Praia do Cassino (RS), Basaglia e Vieira (2005) descreveram uma grande captura de juvenis do betara (*Menticirrhus americanus* e *M. littoralis*) e o impacto negativo que a atividade exerce sobre a espécie.

Segundo uma pesquisa realizada no Parque Nacional de Ilha Grande, localizado no Paraná, a pesca esportiva é escolhida como atividade de lazer, por causa do contato maior com a natureza, diminuição do estresse e vontade de conhecer novos lugares (Zacarkim *et al*, 2005), motivos semelhantes aos apontados pelos pescadores que freqüentam a Barra do Una.

Este não é um fato isolado e tão pouco recente, Ribaric (1997) observou numa comunidade do Litoral Sul, a Barra do Subaúma, localizada entre os municípios de Iguape e Cananéia, uma crescente expansão do turismo, onde os pescadores principalmente no período entre novembro e março atendem de várias maneiras aos turistas, seja alugando seus barcos, seja como guias de pesca ou vendendo camarões vivos para servirem de iscas para os pescadores esportivos que visitam a região. Plante & Breton (1997), num trabalho realizado

em Trindade (RJ), mostraram que os pescadores artesanais chegam até a modificar o ciclo temporal da pesca tradicional que entra em competição com a pesca esportiva.

Silvano (1997), em seu trabalho realizado em três comunidades de pescadores do Rio Piracicaba, no interior de São Paulo, aponta aspectos positivos e negativos observados em relação ao turismo naquela região. Entre os aspectos positivos do turismo encontram-se, da mesma forma que na Barra do Una, aluguel de barcos para a pesca, compra de peixes, comercialização de produtos de mercearia e prestação de serviço em casas de veraneio, responsáveis por um aumento na renda dessas comunidades. Entre os aspectos prejudiciais encontra-se a pesca efetuada pelos turistas, os quais utilizam malhagens de redes proibidas e competem com o pescador.

A relação dos pescadores esportivos com os moradores da comunidade estudada é benéfica e até o presente momento não foi mencionado nenhum caso de conflito entre moradores e pescadores esportivos. Diferente do que podemos verificar em trabalhos sobre a pesca esportiva. Castro e Begossi (1996) analisaram a pesca esportiva no Rio Grande, entre os Estados de São Paulo e Minas Gerais. Segundo estes autores, o turismo é considerado o segundo problema relacionado à pesca artesanal, precedido apenas pela Usina Hidrelétrica construída na região. As técnicas de pesca utilizadas são diferentes. Os conflitos são em relação aos locais de pesca que em épocas de transição em seca e chuva são explorados pelos dois grupos de pescadores. Na RDS Barra do Una não foram apontados conflitos deste tipo, pois os dois grupos utilizarem técnicas e locais diferentes, além disso, alguns pescadores artesanais da comunidade preferem prestar serviços como guias e piloteiros, venda de iscas, etc. aos pescadores esportivos, não havendo assim conflitos por exploração de recursos.

Berkes (1984) fez uma análise ecológica da competição entre pescadores artesanais e esportivos. Este autor afirma que conflitos entre esses grupos são reais em épocas e áreas onde as atividades acontecem simultaneamente. Embora a competição entre pescadores artesanais e esportivos, especialmente em águas interiores e áreas costeiras possa prover uma análise ecológica de competição por recursos, o autor aponta para o fato de que este tipo de competição mostra-se mais cultural do que ecológica, o que na maioria das vezes gera conflitos. Na Barra do Una os pescadores esportivos são muito bem recebidos pelos moradores, fato demonstrado pela opinião dos esportivos em relação a qualidade da região para a pratica da pesca esportiva, o que inclui os serviços oferecidos. Em contrapartida, essa boa aceitação da pesca esportiva pelos moradores deve-se ao fato de que o turismo

proporciona uma maior fonte de renda para as famílias caiçaras, contribuindo para melhoria de vida.

Conclusão

A pesca esportiva é uma das características do turismo da região, o que definitivamente representa uma atividade importante para a comunidade caiçara da Vila Barra do Una. Estudos que caracterizam o pescador e a atividade da pesca são ferramentas fundamentais para elaboração de planos de manejo dos recursos pesqueiros, principalmente em locais onde são escassas as informações sobre a pesca esportiva, como é o caso do litoral sul de São Paulo. São necessárias políticas públicas e iniciativas privadas para melhoria da infraestrutura e conservação dos ecossistemas, assim como ações educacionais que orientem e estimulem moradores e turistas a conservarem o local e os recursos explorados.

Referências Bibliográficas

BASAGLIA, T. P. & VIEIRA, J. P. 2005. A pesca amadora recreativa de caniço na praia do Cassino, RS: necessidade de informações ecológicas aliadas à espécie alvo. *Brazilian Journal of Aquatic Science and Technology*, 9: 25-29.

BECCATO, M. A. B. A pesca de iscas vivas na região Estuarino-Lagunar de Cananéia/SP: Análise dos aspectos sociais, econômicos e ambientais como subsídio ao manejo dos recursos e ordenamento da atividade. 175f. Tese de Doutorado (Doutora em Ciências) – Universidade Federal de São Carlos), São Carlos, 2009

BEGOSSI, A. 1995. Fishing Spots and Sea Tenure: Incipient Forms of Local Management in Atlantic Forest Coastal Communities. **Human Ecology** 23 (3): 387-405.

BERKES, F. Competition between commercial and sports fishermen: An ecological analysis. **Human ecology**, v.12, n.4, p.413-429,1984.

BRASILIA, 2010. 1º Encontro Nacional da Pesca Amadora. Documento final: "*Construindo a Política da Pesca Amadora"*. Ministério da Pesca e Aqüicultura. Disponível em: http://www.mpa.gov.br/images/Docs/Pesca/Pesca_Amadora/TEXTO_BASE_FINAL_RESOLU%C3%87%C3%83O_enpa.pdf .

CASTRO, F. and BEGOSSI, A. 1996. Fishing at Rio Grande (Brazil): Ecological niche and competition. *Human Ecology*, v.24, n.3, p.401-411.

COOKE, SJ & COWX IG. 2004. The role of recreational fishing in global fish crises. *BioScience* 54(9): 857-859.

COOKE, SJ & COWX IG. 2006. Contrasting recreational and commercial fishing: Searching for common issues to promote unified conservation of fisheries resources and aquatic environments. *Biological Conservation* N128 (2006):93-108.

COWX, I.G. ARLINGHAUS R. AND COOKE S. J. 2010. Harmonizing recreational fisheries and conservation objectives for aquatic biodiversity in inland waters. *Journal of Fish Biology* (2010) 76, 2194–2215

FREIRE, KMF. 2005. Recreational fisheries of northeastern Brazil: inferences from data provided by anglers. In: KRUSE, GH, VF GALLUCCI, DE HAY, RI PERRY, RM PETERMAN, TC SHIRLEY, PD SPENCER, B WILSON & D. WOODBY (eds.). Fisheries assessment and management in data-limited situations.*Proceedings of the 21st Wakefield Fisheries Symposium*, October 22-25, 2003, Anchorage, Alaska, USA: 377-394.

FREIRE, KMF. 2010. Unregulated Catches From Recreational Fisheries Off Northeastern Brazil. *Atlântica*, Rio Grande, 32(1) 87-93, 2010.

HARAYASHIKI, C. A. Y.; FURLAN, F. M.; VIEIRA, J. P. Perfil sócio-econômico dos pescadores da Ponte dos Franceses, Rio Grande, RS, Brasil. *Boletim do Instituto de Pesca*. São Paulo, v.37, n.1, p.93-101. 2011.

LÓES, PAULO. **Pesca Amadora Brasil. São Paulo:** Nobel, p.20-30. 2001

MINISTÉRIO DO TURISMO. 2008. *Turismo de pesca: orientações básicas*. Brasil: Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2008.

MPA – Ministério da Pesca e Aqüicultura. 2013. http://www.mpa.gov.br/index.php/pescampa/amadora/autorizacoes-e-licencas/licenciamento. Acessado em 10 de agosto de 2013.

Pacheco, R.S.; Barros, F.; Berlinch, C.N.; Saito, C.H. 2006. Pesca e Uso de Recursos Aquáticos por uma População Pesqueira Residente na Baía de Camamu – BA. III Encontro da ANPPAS. 23 a 26 de maio de 2006. Brasília/ DF.

PEREIRA, J.M.A., PETRERE-JR, M., RIBEIRO-FILHO, R.A. 2008. Angling Sport fishing in Lobo-Broa reservoir (Itirapina, SP, Brazil). *Braz. J. Biol.* 68 (4): 721 – 731.

Pinnergar, J.K. e Engelhard, G.H. 2007. The 'shifting baseline' phenomenon: a global perspective. **Rev. Fish Biol. Fisheries**. [DOI 10.1007/s11160-007-9058-6].

PLANT, S.; BRETON, Y. Espaço, pesca e turismo em Trindade. São Paulo: NUPAUB, USP,1997.76p.(série documentos e relatório de pesquisa,23)

RAMIRES, M. e MOLINA, S. M. G. 2004. Influências da Pesca Esportiva no Modo de Vida dos Pescadores Caiçaras do Vale do Ribeira. In: IV Encontro Latino Americano de Pós Graduação, 2004, São José dos Campos. Anais de Resumos IV Encontro Latino Americano de Pós Graduação, 2004.

RIBARIC, R.A. 1996. **Caiçaras: Para Uma Arqueologia da Memória**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dissertação de Mestrado.

SILVA, E.T. **Compromissos e competências do pescador esportivo**. São Paulo: Arte Escrita, 2000.

SILVANO, R. A. M.1997. **Ecologia de Três Comunidades de Pescadores do Rio Piracicaba (SP)**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas Instituto de Biologia. Campinas, SP.

SMA – Secretaria do meio ambiente, 2009. Estudo Técnico para Recategorização de Unidades de Conservação e Criação do Mosaico de UCs Juréia-Itatins. Disponível em: http://fflorestal.sp.gov.br/files/2012/03/Estudo-Tecnico_Mosaico_Jureia.pdf.

SOUZA, M.R. e BARRELLA, W. 2004. Etnoictiologia dos Pescadores Artesanais da Estação Ecológica de Juréia Itatins (São Paulo-Brasil). IN: Diegues, A.C. (orgs). **Enciclopédia Caiçara** vol. 1. Núcleo de Apoio a Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras - NUPAUB. p. 117 – 131.

TARCITANI, F.C. & BARRELLA, W. Conhecimento Etnoictiológico dos Pescadores Desportivos do Trecho Superior da Bacia do Rio Sorocaba. *Revista Eletrônica de Biologia*, v. 2, p. 1-28, 2009.

TSURUDA, J. M., NASCIMENTO, R. B., BARRELLA, Walter, **RAMIRES, Milena.**, Rotundo, M.M. A PESCA E O PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS PESCADORES ESPORTIVOS NA PONTA DAS GALHETAS, PRAIA DAS ASTÚRIAS, GUARUJÁ (SP). UNISANTA Bioscience. , v.2, p.22 - 34, 2013.

ZACARKIM, CE., FERRARI, E. & FREITAG, M., 2005. *Perfil do pescador amador participante de eventos de pesca na região do Parque Nacional de Ilha Grande*. [September 7, 2005]. Available from: http://www.ibama.gov.br/pndpa/.